

## NATAL PERDIDO E ACHADO

Shirley Barkdale

Nós o chamávamos de Menino do Natal, porque ele veio durante essa estação de alegria, quando tinha apenas seis dias de idade. Seus olhos já brilhavam mais do que as luzes da sua primeira árvore.

Mais tarde, à medida que nossa família cresceu, ele tornou claro que era o único especializado em escolher e decorar a árvore a cada ano. Nosso garotinho apressava a estação, preparando a sua lista antes de termos terminado o peru do Dia de Ação de Graças. Ele nos fazia cantar músicas natalinas, com nossas vozes roucas parecendo cada vez mais semelhantes às dos sapos, comparadas ao seu tom perfeito. Ele nos incentivava, guiando-nos em meio a um caos de alegria.

Então, em seu vigésimo quarto Natal, ele nos deixou tão inesperadamente como viera. Um acidente de carro numa rua coberta de neve de Denver, ao voltar para casa, para sua jovem esposa e filha pequena. Ele fizera primeiro, entretanto, uma parada na casa da família para decorar nossa árvore, um ritual que nunca abandonara. Sem o seu espírito natalino invencível, nós éramos como dançarinos inexperientes, incapazes de continuar dançando depois da música terminar. Em nossa tristeza, seu pai e eu vendemos a casa, onde as lembranças ainda perduravam em cada aposento. Mudamos para a Califórnia, deixando para trás nosso sistema de apoio de amigos e da igreja. Movimentos errados.

Eu parecia ter feito um círculo completo, voltando àqueles primeiros anos quando só havia meus pais e eu. O Natal sempre fora uma ocasião tranquila, atarefada, diferente daquela das casas de meus amigos, cheias de atividades e de parentes brincalhões. Prometi então que algum dia me casaria, teria seis filhos e no Natal minha casa ia vibrar de energia e amor.

Encontrei o homem que compartilhou meu sonho, mas não havíamos contado com a surpresa da esterilidade. Destemidos, nos candidatamos à adoção, ignorando as profecias pessimistas de que urna criança adotiva não seria o mesmo que "nossa carne e sangue". Apesar da coragem, não estávamos muito esperançosos, pois a lista de espera era grande. Contra todas as dificuldades, porém, dentro de um ano ele chegou e era nosso. A natureza em seguida nos surpreendeu outra vez e em rápida sucessão acrescentamos dois filhos biológicos à família. Não tantos quantos queríamos, mas comparado com minha infância solitária, três eram urna multidão inteiramente satisfatória.

Aqueles amigos tinham razão sobre os filhos adotivos não serem iguais aos biológicos. Ele não se parecia em nada com nenhum de nós. Por meio de sua hereditariedade única, ele trouxe cor às nossas vidas com o seu dom da música, seu temperamento alegre, sua inteligência viva. Ele nos fez parecer e agir melhor do que realmente éramos.

Nos dezesseis anos que se seguiram à sua morte, o tempo acrescentou capítulos às nossas vidas. Sua viúva casou-se e teve um filho; sua filha formou-se na escola secundária. Seu irmão casou-se e deu início à sua própria tradição cristã em outro estado. Sua irmã, urna artista, parecia contente com a carreira que escolhera. Seu pai e eu chegamos à idade da

aposentadoria e no Natal de 1987 resolvemos voltar para Denver. O chamado para casa não fora muito claro; só sentíamos o desejo de uma ligação indefinida com algo que havíamos perdido e tinha de ser recuperado antes que fosse tarde demais.

Chegamos a Denver no final de uma nevasca. Estradas fechadas nos obrigaram a passar pelo centro da cidade, pelo Centro Cívico, iluminado por milhares de luzes — uma cena que eu não estava pronta para ver. Esse mesmo passeio tinha sido uma das tradições favoritas de nosso Menino do Natal. Ele fora inexorável em sua insistência de que todos entrássemos no carro, com as janelas embaçadas pela nossa respiração, os pneus se esforçando para vencer a neve.

Desviei os olhos das luzes e fixei o olhar nas Montanhas Rochosas distantes, onde gostávamos de subir pelas encostas em busca da árvore perfeita. Agora, ao sopé da montanha estava a sua sepultura — uma sepultura que eu não conseguia visitar.

Uma vez instalados na casa pequena, em forma de caixa, tão diferente daquela da família onde havíamos passado a nossa vida, nos encolhemos como duas andorinhas que perderam as companheiras de migração para o sul. Enquanto fiquei ali observando as montanhas cobertas de neve certo dia, ouvi o ruído súbito dos breques de um carro e depois o toque impaciente da campainha. Ali estava nossa neta e em seus olhos cinza-esverdeados e sorriso franco, vi o reflexo do nosso Menino do Natal.

Atrás dela, carregando um enorme pinheiro, entraram sua mãe, padrasto e irmão de nove anos. Eles passaram por nós num alvoroço alegre, abriram a cidra cintilante e brindaram nossa volta. Depois decoraram a árvore e empilharam embrulhos coloridos sob os ramos.

— Vocês vão reconhecer os enfeites, — disse minha ex-nora. — Eram dele. Guardei-os para vocês.

- Eu escolhi a maioria dos presentes, vovó, — disse o garotinho de nove anos que eu mal conhecia. Quando murmurei, numa lembrança sofrida, que não havíamos armado uma árvore durante 16 anos, nossa neta, brincalhona exclamou, — Está então na hora de entrar em forma!

Todos partiram num turbilhão, empurrando um ao outro porta afora, mas não antes de pedir que nos juntássemos a eles na manhã seguinte para o culto e depois para o almoço em sua casa.

— Oh, não podemos, — comecei.

— Claro que podem, — ordenou nossa neta, tão mandona quanto o pai. — Vou cantar o solo e quero vê-los lá.

— Levem protetores de ouvido, — aconselhou o garotinho.

Nós havíamos há muito desistido dos serviços natalinos que nos faziam sofrer; mas agora, sob pressão, sentamos rigidamente no primeiro banco, lutando com as lágrimas.

Chegou a hora do solo. Nossa neta foi apressada para o centro da nave, com um roçar de saias (o pai dela teria andado com ares elegantes), e sua voz magnífica elevou-se clara e límpida, em perfeito ritmo. Ela cantou, "Noite Feliz", que nos trouxe de volta lembranças agrídoces. Numa reação emocional rara, a congregação aplaudiu exultante. Como o pai dela teria se alegrado com aquele momento!

Havíamos sido alertados de que haveria "uma multidão de gente" para o almoço — mas, trinta e cinco? Uma porção de parentes encheu todos os

cantos da casa; crianças pequenas, barulhentas e exuberantes, pareciam saltar das paredes. Eu não conseguia adivinhar quem era de quem, mas isso não importava. Todos pertenciam uns aos outros. Eles nos aceitaram, envolvendo-nos em alegre camaradagem. Cantamos corinhos em vozes altas, desafinadas, salvos apenas por aquela surpreendente soprano.

Em algum momento, depois do almoço, antes do pôr-do-sol de inverno, ocorreu-me que uma verdadeira família nem sempre é nossa própria carne e sangue. É um clímax do coração. Se não tivesse sido por nosso filho adotivo, não estaríamos cercados de estranhos carinhosos que nos ajudariam a ouvir novamente a música.

Mais tarde, não desejando terminar ainda o dia, nossa neta pediu que fôssemos com ela. – Eu dirijo, – disse.

– Há um lugar onde quero ir. – Ela pulou para trás do volante e com a confiança de um motorista novato, voou para o sopé das montanhas.

Ao lado da lápide achava-se uma pedra pequena, em forma de coração, um tanto fendida, pintada pela nossa filha artista. Em sua superfície descorada pelo tempo, ela escrevera: "Ao meu irmão, com amor". Na parte de cima do túmulo havia uma coroa de Natal de azevinho brilhante. Nosso filho número dois admitiu, quando perguntado, que enviava uma igual todos os anos.

No silêncio frio, mas de alguma forma confortante, não estávamos preparados para a atitude seguinte de nossa neta imprevisível. Mais uma vez, naquele dia, sua voz, tão parecida com a do pai, elevou-se em uma canção, e as encostas da montanha vibraram com o som de "Cantai que o Salvador Chegou", ecoando de lugar em lugar até o infinito.

Quando a última nota cristalina desvaneceu-se, pela primeira vez desde a morte de nosso filho, tive uma sensação de paz, da continuação positiva da vida, de fé e esperança renovadas. O verdadeiro sentido do Natal nos fora restaurado. Aleluia!

O amor não é cego; o amor vê muito mais do que parece.  
O amor vê as ideias, o potencial em nós.  
Oswald Chambers